

ORGANIZADORES TEMPORAIS E PRONOMES NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO NARRATIVO

Maria Margarete Fernandes de Sousa *

Flávia Cristina Candido de Oliveira **

Universidade Federal do Ceará

Fortaleza, Ceará, Brasil

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar produções textuais de alunos de 6º ano do ensino fundamental II, verificando como são utilizadas por eles as categorias dos organizadores temporais – advérbios e conjunções subordinativas – e dos pronomes no gênero conto popular. Tomamos como teorias de base as propostas de Adam (2008) e de Bronckart (2007) – este último tem o caráter, na pesquisa, de complementar o primeiro autor –, e como metodologia nos utilizamos da proposta de Schnewly e Dolz (2004). Pudemos concluir com a pesquisa que as duas categorias e a orientação dada pelo professor para a produção de textos em sala de aula auxiliam na construção do texto narrativo.

Palavras-Chave: Prosa escolar narrativa. Organizadores temporais. Pronomes.

1 INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo analisar duas categorias: os organizadores temporais – advérbios e conjunções subordinativas – e os pronomes que se fazem presentes em textos do gênero do *narrar*, especialmente no gênero *conto popular*, que escolhemos para a produção textual com os alunos da pesquisa. As categorias foram identificadas e analisadas em um *corpus* formado por quarenta e duas produções textuais de alunos do 6º ano do ensino fundamental II, de uma escola privada, localizada na periferia de Fortaleza.

Propusemo-nos responder à questão-problema: a utilização de categorias pertinentes à sequência narrativa contribuirá para a estruturação do texto de alunos de 6º ano? As categorias da pesquisa foram desenvolvidas através de atividades em forma de oficinas de produção textual, entretanto, levamos em consideração para efeito de análise somente os textos de duas etapas: produções iniciais (doravante PI) e produções finais (doravante PF). As intervenções em sala de aula culminaram no resultado da produção final analisada. Entendemos que, apesar de a análise ocorrer em dois momentos distintos, a produção final demonstra, de fato, o aprendizado (evolução) do aluno adquirido no decorrer das oficinas.

* Dra. em Linguística Aplicada (UFPE). Professora Associada I do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Letras Vernáculas/UFC. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa *Estudos do Texto e do Discurso*/ PROTEXTO (UFC). Coordenadora do Grupo de Estudo *Gêneros Textuais: perspectivas teóricas e metodológicas*/GETEME/PROTEXTO. E-mail: margarete.ufc@gmail.com.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística, PPGL/ UFC. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa PROTEXTO/GETEME. E-mail: flavia_cristina2003@yahoo.com.br.

Utilizamos a metodologia de Schneuwly e Dolz (2004) para a coleta dos dados, referentes às etapas das produções (PI e PF). Conforme orientação metodológica, aplicamos as sequências didáticas, dividindo as produções em dois momentos: produção inicial e produção final, como já mencionamos. Para a análise das categorias, pautamos nas propostas de Adam (2008) e na de Bronckart (2007), cuja proposta teórica, situada no Interacionismo Sociodiscursivo, foi utilizada na pesquisa como um suporte teórico complementar à proposta de Adam, haja vista abordar alguns aspectos não contemplados por ele.

As categorias foram observadas de acordo com a incidência de apresentação no texto nos dois momentos de produção. Já os textos, foram identificados, num primeiro momento da produção, como (PI) e, num segundo momento, como (PF), alguns dos quais serão objeto de análise neste artigo.

2 ORGANIZADORES TEMPORAIS: ADVÉRBIOS E CONJUNÇÕES

De acordo com Adam (1997), qualquer narrativa que se constitui por uma sucessão de ações/acontecimentos leva tempo e se desenrola no tempo. As receitas, os guias de montagem, os textos judiciais comportam uma dimensão temporal, mas isso não implica que sejam narrativas propriamente ditas. Segundo Adam (1997, p. 54), “o tempo é um constituinte necessário, mas não suficiente, para definir um texto (ou uma sequência) como uma narrativa”.

Para Benveniste (2006), há diferenças entre o tempo cronológico¹, o tempo físico e o tempo linguístico. É relevante para esta pesquisa este último, tempo linguístico, por estar ligado ao exercício da fala e, também, por ter seu centro no presente da instância da fala. Como defende Adam (1997), o autor apoia-se em índices temporais de várias ordens: indicações temporais absolutas mais ou menos precisas, indicações relativas à situação de fala ou de escrita (“aqui” e “agora” contextuais) e indicações temporais relativas ao cotexto. Na narrativa, apresentam-se os tempos verbais, mas também os organizadores temporais em que se inserem as classes de palavras: advérbios e conjunções, seguidos de suas respectivas locuções. Adam (2008) também afirma que os organizadores temporais podem se combinar conforme uma ordem de informatividade crescente: *E + então + depois + após/em seguida/ mais tarde/ logo em seguida*. Apresentamos na página seguinte um quadro proposto por Adam (1997) para exemplificar alguns organizadores temporais:

Segundo Weinrich (1968, p. 79), “os advérbios temporais, ou seja, os tempos, ordenam-se em dois grupos e nos informam, em primeiro lugar, se nos referimos ao mundo narrado ou ao mundo comentado”.² O mundo narrado consiste em informar a quem escuta uma comunicação de que ela é um relato. Já no mundo comentado, o

¹ Este se caracteriza pelo tempo marcado por acontecimentos, o tempo do calendário, enquanto o tempo físico caracteriza-se pelo movimento dos astros, que determinam a existência de dias, anos etc.

² “Los adverbios temporales, lo mismo que los tiempos, se ordenan en dos grupos y nos informan, en primer lugar, si nos hallamos en el mundo narrado o en el mundo comentado” (Tradução sob nossa responsabilidade).

falante está em tensão e seu discurso é dramático, porque trata de aspectos que o afetam diretamente. O falante, nessa situação, está comprometido e seu discurso é um fragmento de ação que modifica o mundo, ou seja, a situação linguística. Dessa forma, os advérbios seguiriam essa lógica, havendo também advérbios pertencentes a cada mundo. Como defende Pinto (2004):

Outras formas, de variado perfil morfossintático, se prestam igualmente à mesma função, constituindo-se num quadro aberto. São os chamados marcadores ou organizadores temporais. Entretanto, a expressão da temporalidade pode por vezes não ser marcada linguisticamente, mas apenas contextualmente. (PINTO, 2004, p. 44).

Quadro 1 – Organizadores temporais

REFERÊNCIA TEMPORAL ABSOLUTA:	
a. “histórico”:	Quarta-feira à tarde 20 de julho (1993) Em 1515, no dia de Páscoa
b. vago:	Uma vez, no futuro, no passado
REFERÊNCIA TEMPORAL RELATIVA:	
a. no cotexto: (enunciado)	Na véspera, nessa manhã Imediatamente... enquanto... durante... Pouco depois
b. no contexto: (situação)	Ontem, ao fim da tarde, esta manhã

Fonte: ADAM (1997, p. 58)

Para Bronckart (2007), há três mecanismos de textualização, denominados *conexão*, *coesão nominal* e *coesão verbal*. Tomaremos, porém, somente o mecanismo de *conexão*, que contribui para marcar as grandes articulações da progressão temática, que são realizadas por um subconjunto de unidades chamadas de *organizadores textuais*. Elas garantem a transição entre os tipos de discurso constitutivos de um texto, entre fases de sequências ou outra forma de planificação, que podem, ainda, assinalar articulações entre frases. Já os mecanismos de conexão explicitam as relações existentes entre os diferentes níveis de organização de um texto.

No nível mais englobante, os mecanismos de conexão assumem a função de segmentação e, num nível inferior, podem marcar pontos de articulação entre fases de uma sequência ou de outra forma de planificação. A função específica no nível inferior é denominada *demarcação* ou *balizamento*. Em um nível mais inferior que o anterior, os mecanismos podem explicitar as modalidades de integração das frases sintáticas à estrutura que constitui a frase da sequência ou de outra forma de planificação. Quando se apresentam em uma mesma fase – sequência ou outra forma de planificação –, essas frases sintáticas são denominadas *empacotamento*. Assim se expressa Bronckart (2007, p. 264) a respeito da função do empacotamento: “por extensão, consideraremos que são esses mecanismos que articulam duas ou várias frases sintáticas em uma só frase gráfica, exercendo, assim, uma função de ligação (justaposição, coordenação) ou de encaixamento (subordinação)”. A marcação da conexão em francês (que corresponde à do português) pode ser reagrupada em quatro categorias principais:

- a) um subconjunto de advérbios ou de locuções adverbiais com caráter transfrástico;
- b) um subconjunto de sintagmas preposicionais, que são regidos ou pela microssintaxe (assumindo a função de adjunto adverbial) ou pela macrossintaxe (estatuto de estrutura adjunta);
- c) as coordenativas (em sua forma simples ou mais complexa);
- d) as subordinativas.

Tais marcas pertencem a categorias gramaticais diferentes e se organizam em sintagmas, assumindo funções específicas na micro e na macrossintaxe. Como assevera Bronckart (2007, p. 267), “podemos observar, então, que os organizadores com valor temporal aparecem, de modo privilegiado, nos discursos da ordem do NARRAR”.

De acordo com essas considerações sobre os mecanismos de conexão, especificamente dos organizadores temporais, percebemos que tais marcas complementam-se com os tempos verbais; elas assumem a função peculiar de garantir a temporalidade, auxiliando os tempos verbais na construção desse processo na narrativa.

3 PRONOMES: ANÁFORAS PRONOMINAIS

Essa categoria, que tem como objetivo garantir a continuidade referencial, é assegurada pela retomada de elementos introduzidos na memória. Conforme Adam (2008, p. 132), “essas retomadas textuais são possibilitadas por certas propriedades da língua: pronominalização, definitização, referenciação dêitica co-textual e co-referência lexical”.

Destacamos neste item as anáforas pronominais. Uma anáfora pronominal, de acordo com Adam (2008), pode ser denominada *fiel* quando o mesmo lexema é retomado, e *infíel* se não for exatamente o mesmo lexema. Nessa concepção, geralmente a anáfora pronominal não indica nenhuma nova propriedade do objeto e, por definição, é considerada *fiel*. As anáforas apresentam-se sob outra forma, denominada *anáforas demonstrativas*, que indicam a identificação, relação de segmento posto na memória, mas se faz operando uma reclassificação do objeto do discurso. Para Adam (2008, p. 142), “esse poder de reclassificação (que a anáfora definida não possui) é a característica maior da anáfora demonstrativa.”. Reforça o autor:

Todas as formas de anáforas e de cadeias de co-referência visam, certamente, manter um *continuum* homogêneo de significação, uma isotopia mínima do discurso por retomadas-repetições, mas asseguram, ao mesmo tempo, a progressão por novas especificações e mobilização das referências virtuais dos lexemas utilizados. (ADAM, 2008, p. 145).

Há, porém, concepções mais recentes sobre os processos anafóricos, tais como em Koch (2002), Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) – que não serão expostas aqui, pois não são de interesse neste artigo. Os autores citados concebem a referenciação anafórica como um processo bem mais abrangente, cujos elementos referenciais apresentam um papel muito importante e variado na construção dos sentidos do texto, e isso inclui a atuação pronominal. A constatação referida será mais bem explicitada por ocasião da análise dos textos dos alunos.

Podemos observar que as ligações anafóricas exercem um importante papel, não somente na coesão, mas na progressão do texto, por meio de modificações progressivas de um referente que não se limita a retornar, podendo constituir-se em padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos. Como defende Marcuschi (1983, p. 40), com o que concordamos, “não lemos o texto como uma sequência linear de unidades justapostas, mas sim como sequência de ações continuadas”. Ainda, segundo o autor, as formas pronominais no texto apresentam-se sob dois tipos básicos: a exófora³ e a endófora. O último é um tipo de pronominalização textual que faz referência a entidades recobráveis no texto e subdividem-se em anáfora e catáfora. A primeira refere-se a entidades projetivamente, de maneira que sua ocorrência se dá antes da expressão correferente; a segunda refere-se a entidades já introduzidas e vem depois das expressões correferentes. Esses conceitos complementam o que expõe Adam sobre as anáforas, presentes também em Marcuschi (2008), que afirma que:

Embora as definições sejam claras e não haja como confundi-las, a realização textual da pronominalização é problemática. Muitas vezes, cria ambiguidades, principalmente quando há várias probabilidades de referenciação. O exagero no uso da pronominalização num texto leva a uma progressiva diminuição da informação e a uma dificuldade crescente de processamento cognitivo. (MARCUSCHI, 2008, p. 111).

Para Bronckart (2007), os mecanismos de coesão nominal demonstram relações de dependência existentes entre argumentos que compartilham uma ou várias propriedades referenciais. A marcação dessas relações se dá através de sintagmas nominais ou pronomes, organizados em série, inseridos em estruturas oracionais e assumindo uma função sintática determinada. As funções podem ser de: *introdução*, que consiste em marcar a inserção de uma unidade de significação nova; *retomada*, que consiste em reformular a unidade-fonte – antecedente. A marcação da coesão nominal pode ser feita por duas categorias de anáforas:

- a) a categoria de anáforas pronominais – composta de pronomes pessoais, relativos, possessivos, demonstrativos e reflexivos – podendo-se incluir a marca que significa a transformação de apagamento do pronome;
- b) a categoria de anáforas nominais – composta por sintagmas nominais de diversos tipos.

Ainda a respeito dessa questão, Bronckart (2007) afirma:

A escolha efetiva das unidades anafóricas, assim como a das unidades de conexão, pode ser dependente do tipo de discurso em que essas unidades aparecem. Na medida em que os tipos da ordem do NARRAR, normalmente, colocam em cena séries de personagens, encontraremos aí, mais frequentemente, anáforas pronominais de terceira pessoa, no âmbito das sequências descritivas integradas a esses mesmos tipos, encontraremos, frequentemente, anáforas nominais com determinante possessivo. (BRONCKART, 2007, p. 271).

³ Segundo Marcuschi (1983, p. 41), a exófora “diz respeito a elementos situacionais, externos ao texto e recuperáveis na situação diretamente e não pela via de expressões correferentes dentro do texto.”

Os mecanismos de textualização são, conforme Bronckart, articulados à progressão do conteúdo temático. As cadeias de unidades linguísticas podem organizar os elementos constitutivos desse conteúdo em diversos percursos entrecruzados que explicitam ou marcam as relações de continuidade, de ruptura ou de contraste, contribuindo para o estabelecimento da coerência temática do texto. Portanto, podemos afirmar que ambas as posições – a de Adam e a de Bronckart – complementam-se, porque a coesão nominal auxilia na construção do processo narrativo. A coesão se faz necessária para explicitar as relações de dependência existentes em um texto.

4 METODOLOGIA PARA ANÁLISE DOS DADOS

O trabalho apresenta um caráter teórico-prático, por essa razão usamos o método indutivo e dedutivo que delineou a pesquisa em um estudo quase-experimental. A análise é feita em dados coletados das produções textuais de um grupo de vinte oito (28) alunos de 6º ano de uma escola privada, localizada na periferia de Fortaleza. De acordo com Gil (1989, p. 75), esse tipo de pesquisa “é constituído por um grupo, geralmente reduzido, previamente definido quanto às suas características fundamentais”. A escolha do grupo de alunos, em especial de 6º ano, justifica-se pelo fato de o aluno dessa série ter mais contato com textos de natureza narrativa. A turma escolhida era formada por alunos na faixa etária entre dez e onze anos, com exceção de apenas dois alunos, que estavam entre doze e quatorze anos. Essa relativa homogeneidade etária nos pareceu importante por suscitar certo equilíbrio na forma de aprendizagem.

As produções textuais do gênero conto popular somam quarenta e dois (42) textos. Os alunos foram submetidos a uma primeira produção textual denominada Produção Inicial (PI) e, após as oficinas, foram submetidos à produção de um segundo texto, denominado Produção Final, para posterior análise e comparação dos dois momentos. Durante as oficinas, os alunos produziram alguns textos; porém, consideramos para a análise somente a PI e a PF dos alunos que participaram de todas as etapas das oficinas, uma vez que o resultado final apresenta (implicitamente) os conhecimentos adquiridos durante as etapas.

A preparação das oficinas ocorreu nas aulas, de aproximadamente cem minutos, ou seja, duas aulas geminadas⁴, organizadas durante três semanas. Obedecemos à carga horária das aulas de Língua Portuguesa (quatro aulas semanais) e de Redação (duas aulas semanais), totalizando dezesseis aulas ao final da atividade. Na primeira semana das oficinas, o trabalho foi realizado nas quatro aulas de língua portuguesa; nas duas semanas seguintes, usamos também a carga horária das duas aulas de redação para completarmos o tempo necessário à execução das atividades e, também, conforme combinado com a escola.

Nas oficinas, tomamos como base a sequência didática de Schneuwly e Dolz (2004), elaborando atividades que apresentavam a sequência narrativa. Apropriamo-nos dessa metodologia para atingir o objetivo das sequências didáticas: fazer intervenções

⁴ Somente as aulas de redação não foram trabalhadas com aulas geminadas, porque o horário da escola dividia-as em duas aulas de 50 minutos cada uma e em dias diferentes.

no meio escolar que favoreçam a mudança e a promoção dos alunos a uma melhor “mestria” dos gêneros e das situações comunicativas. As intervenções, no meio escolar, somadas às intervenções sociais, são necessárias para a organização da aprendizagem em geral e para o processo de apropriação de gêneros em particular. As sequências didáticas, nesse sentido, são instrumentos que guiam as intervenções dos professores.

Iniciamos o processo de análise pelo plano de texto de cada produção textual; em seguida, procedemos ao levantamento dos dados, verificando a quantidade de produções que apresentavam características semelhantes, tais como: o plano de texto completo; o plano de texto incompleto; a sequência narrativa e o *script*⁵. Após essa análise, repetimos o procedimento em todas as categorias de análise, mas, para cada categoria, elencamos características diferentes.

Na categoria dos organizadores temporais, interesse de nossa pesquisa, a análise deteve-se no levantamento de produções textuais, identificando a referência temporal absoluta (histórica/ vaga) e fórmula convencional, referência temporal relativa no cotexto e balizamento, referência temporal relativa no contexto e balizamento, referência temporal relativa no cotexto e encaixamento e referência temporal relativa no contexto e encaixamento. Assim, todas as categorias foram elencadas de acordo com a incidência no texto.

Na etapa inicial da oficina sobre a categoria organizadores temporais, a atividade foi desenvolvida através de um jogo lúdico em que os alunos deveriam reordenar um bilhete em que as orações foram recortadas em forma de tiras. Havia recortes das orações separados, propositalmente, para que o aluno percebesse que a oração seguinte complementaria o sentido da primeira. As conjunções que apareceram nesses recortes foram identificadas por eles e, posteriormente, com uma discussão sobre a importância delas na construção do sentido e o valor semântico.

Já a atividade seguinte solicitava que o aluno encontrasse em um pequeno texto outros exemplos de conjunções e locuções conjuntivas com valor temporal. Todas as atividades eram seguidas de um tempo para que eles, por si só, identificassem o termo pedido. Quando a pesquisadora percebia que os alunos encontravam muita dificuldade, a atividade era retomada com explicações e realizada coletivamente na turma. Assim, outros alunos que apresentaram mais dificuldade eram inseridos com os outros no processo de aprendizagem.

Na categoria pronomes, as oficinas ocorreram através de atividades com processos anafóricos e marca zero. Solicitava-se ao aluno usar pronomes substituindo termos nas orações; identificar pronomes em um texto, observando a quem se referiam; corrigir textos escritos por eles mesmos durante as oficinas, trabalhando o pronomes através da retomadas anafóricas e marca zero.

Ao término das três semanas de atividades⁶, em sala de aula, selecionamos o *corpus* levando em consideração a participação dos alunos em todas as etapas das

⁵ Os dados quantitativos não foram indicados neste artigo, uma vez que não haveria condição de explicar mais detalhadamente a sequência narrativa, nem nos propusemos a isso em nosso objetivo.

⁶ Destacamos que esse período de três semanas não foi dedicado, exclusivamente, às categorias – organizadores temporais e pronomes –, uma vez que o artigo faz parte de uma pesquisa em que

oficinas realizadas nesse período; em seguida, codificamos cada produção textual. De acordo com a ordem alfabética de nomes dos alunos, as etiquetas constam, primeiramente, de sigla PI ou PF, as iniciais do nome completo do aluno participante da pesquisa e de um número que segue a ordem crescente conforme os exemplos a seguir: PIAMS01, PIBGA02, e sucessivamente.

5 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES INICIAIS (PI) – ORGANIZADORES TEMPORAIS

A presença de organizadores temporais na produção textual é marcada por algumas classes de palavras tais como advérbios e conjunções. Esses termos contribuem para fazer referência a situações temporais no texto e, juntamente com os tempos verbais, auxiliam na construção da temporalidade textual. A respeito disso, Adam (1997) organiza índices temporais, dividindo-os em duas classes: referência temporal absoluta (histórica/ vaga) e referência temporal relativa (no cotexto – enunciado; no contexto – situação). Tomamos como base para nossa análise os índices temporais de Adam, complementados com alguns mecanismos de coesão nominal defendidos por Bronckart (2007).

Quanto aos índices temporais, a referência temporal relativa no cotexto são marcas que se referem a situações internas no texto, e a referência temporal relativa de contexto são marcas que se referem a situações externas no texto. Na primeira etapa da análise, identificamos textos que apresentavam a referência temporal absoluta vaga ou, conforme Bronckart, a fórmula convencional.

Como a produção inicial foi incentivada a partir de uma história do gênero conto popular, verificamos que houve influência do gênero no processo de escrita do texto pelos alunos, além do fato de a narrativa ainda estar atrelada ao gênero conto de fadas. Isso nos leva a crer que algumas marcas linguísticas são memorizadas pelos alunos a partir da leitura/audição dos contos de fadas e apresentam-se no texto por meio de locuções adverbiais, tais como: “Era uma vez...” e “Um dia...”, principalmente aquelas que iniciam gêneros desse tipo.

A incidência maior de elementos, no início dos textos, ocorreu com a locução adverbial “Era uma vez...”, em dezoito (18) produções textuais, seguida por “Um dia...” em três (3) produções e, por último, em apenas uma (1) o texto iniciava-se com uma conjunção temporal, diferenciando-se das demais produções que seguem os contos de fadas, porque o início é uma explicação para dar continuidade à história propriamente dita. Segundo a ordem das ocorrências, vejamos excertos de cada uma, respectivamente:

(01)

Era uma vez um fazendero rico que tinha um cavalo bem bonito que a cabeça dele parecia um fogo aí ele seguindo em viagem com um revolve um facão quase do tamanho da mãe dele. (PIEGP04).

estudamos outras categorias nas produções desse grupo de alunos. Por limite de espaço em um artigo, não poderíamos explicar todas as categorias aqui.

SOUSA, Maria Margarete Fernandes de; OLIVEIRA, Flávia Cristina Candido de. Organizadores temporais e pronomes na construção do texto narrativo. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 29-47, jan./abr. 2014.

(02)

Um dia estava brincando com minhas amigas. (PITAP19).

(03)

Quando um casal tem seis filhos e o sétimo for um filho esse filho se vise a lua cheia começava sua transformação: ficava com pelos sua boca e orelha crescia suas unhas ficavam grandes e afiadas ele se transformava o lobisomem. (PIMSS16).

Além dos excertos acima, consideramos como referência temporal absoluta e/ou fórmula convencional o termo “viveram felizes”, apesar de apresentar em sua estrutura um verbo e não o advérbio temporal “sempre”. Essa junção que formou o termo permitiu-nos analisá-lo assim, porque o encontramos, geralmente, no final dos contos de fadas sob a forma de “viveram felizes para sempre” sem especificar um tempo exato, ou seja, expressando um tempo de felicidade infinita.

Entretanto, a segunda “fórmula convencional” ocorreu somente em um (1) texto analisado, conforme excerto a seguir, e apresenta-se com a marca linguística que caracteriza as narrativas de contos de fadas. O excerto apresenta um acontecimento que situa o leitor num mundo real. Apesar de “viverem felizes”, há um fato no texto acerca de um ferimento no pai, fato que contrasta com a ideia de felicidade atemporal dos contos de fadas.

(04)

[...] e *viveram felizes* e o pai ficou com um ferimento por causa do lobisomem. (PIMSS16).

No decorrer dos textos, outras locuções adverbiais apresentavam-se; dentre elas, identificamos “um dia” com três (3) ocorrências em outros parágrafos do texto; “(um) certo dia” com duas (2) ocorrências; “em um belo dia”, “muitos anos atrás” e “uma noite” com apenas uma (1) ocorrência nas produções textuais.

A segunda classe analisada refere-se à referência temporal relativa no cotexto e/ou balizamento que “podem marcar os pontos de articulação entre as fases de uma sequência ou de outra forma de planificação”. (BRONCKART, 2007, p. 264). As marcas linguísticas representadas pelos termos “Quando...”, “Depois...”, “Em um belo dia...”, “Então...”, “No outro dia...” e “No dia seguinte...”; apresentaram-se em quinze (15) produções textuais em que observamos a ocorrência das duas classes.

Nas demais, que totalizaram quatro (4), identificamos termos como “Um dia...”, no decorrer da produção, e “No outro dia...” que se diferenciam da análise anterior, porque estas não são fórmulas convencionais, mas sim elos coesivos entre parágrafos, que podem ser tomados como balizamento. Os termos referidos classificam-se somente como balizamento, pois se apresentam no texto apenas como ponto de articulação entre segmentos da sequência e fazem parte da referência temporal absoluta vaga, de acordo com o que vimos anteriormente.

Uma terceira classe, a referência temporal relativa no contexto e/ou balizamento, foi identificada em duas (2) produções textuais com os seguintes termos: “Desde esse dia...” e “quando” que articulam segmentos da sequência. No entanto, a conjunção

“quando” é uma marca linguística dupla, porque assume a função de balizamento e de encaixamento, a ser exemplificado no decorrer do item. Vejamos excerto da segunda e terceira classe conforme exposto:

(05)

Referência temporal relativa no cotexto e/ou balizamento

[...] esse homen que pediu carona era ladrão ele levou todos os ovos e *depois* o homen com seu caminhão seguio o ladrão. (PIPBTCF17).

(06)

Referência temporal relativa no contexto e/ou balizamento

Estava muito cansado *quando* viu uma venda e parou para descansar. (PIFMAT06).

Identificamos a incidência em quatorze (14) produções textuais com termos em que se apresenta a classificação de referência temporal relativa no cotexto e encaixamento. Nos excertos retirados das produções, verificamos que esses termos apresentam-se na produção do aluno através da presença de expressões, como: “de repente” e “até que”, utilizados como encadeamento para completar o sentido da sentença anterior e, ao serem introduzidos na sentença seguinte, criam a ideia de expectativa no primeiro excerto e, no segundo, de relevância a algo que está para acontecer. Na construção do texto, o aluno emprega esses termos e constrói o sentido do verbo relacionando-o à conjunção que se apresenta na sentença da seguinte forma:

(07)

O homem que estava caído começou a ajudar João a bater nos lobos, os lobos correram mas *derepente* apareceu um lobo atrás de João e mordeu o braço dele. (PIJAO09).

(08)

Eles continuavam viajando, *até que* eles encontraram uma pousada que podiam dormir lá. (PIMVL14).

A última referência temporal analisada refere-se à relativa ao contexto e encaixamento – esta como parte da coesão nominal em Bronckart. Identificamos a incidência em quatro (4) produções textuais analisadas com a conjunção temporal “quando” e a locução adverbial “no outro dia”. A locução adverbial (no outro dia) apareceu em uma (1) produção, já a conjunção (quando) ocorreu em três (03) produções textuais. Atribuímos a esses excertos a referência analisada anteriormente, porque ela se refere à situação escrita que é manifestada através de indicações do “aqui” e “agora”, presentes no contexto em que está inserido o advérbio e a locução adverbial destacados.

A seguir, apresentamos os termos conforme a ordem de maior incidência na produção textual.

(09)

Ele caminhava *quando* Ele escutou uma voz sombria. (PIDRH03).

(10)

[...] a noite foram dormir *no outro dia* o filho disse que teve um sonho. (PIMALG15).

Verificamos, com a análise, que o aluno já faz uso de muitos desses organizadores temporais em suas produções textuais, pois já conhecem a estrutura dos contos de fadas e outros textos narrativos semelhantes e lidos, de modo geral, na escola ou mesmo no ambiente familiar. Os termos são expressos de maneira coerente mesmo nas produções que apresentaram problemas na organização dos parágrafos. Entretanto, a questão que desejamos responder é como eles auxiliam na construção da sequência narrativa que identificaremos nas produções finais. Como há complementaridade entre os verbos e os organizadores temporais, o aluno, ao estudar tais termos, poderá compreendê-los e produzir os textos consciente de seu valor.

5.1 PRONOMES

A segunda categoria de análise contempla os termos que servem para retomar informações no texto, denominado anáforas pronominais. Esses termos apresentaram-se com maior incidência nas produções iniciais analisadas, o que significa que, de um modo geral, os alunos já se utilizam do recurso, em seus textos, para substituir nomes de pessoas ou de personagens. Os pronomes pessoais do caso reto, nas produções, apresentaram-se na primeira pessoa (eu) e na terceira pessoa (ele/ela), havendo maior incidência do último. Houve também muitas retomadas através da marca zero Ø, por elipse, em algumas produções textuais analisadas.

Em termos quantitativos, dezessete (17) produções apresentaram pronomes pessoais, dentre elas, dezesseis (16) em terceira pessoa e uma (1) em primeira pessoa, além de quatro (4) produções textuais que apresentaram somente a marca zero Ø. O excerto abaixo (11) mostra-nos uma situação de anáfora pronominal em terceira pessoa e a marca zero Ø. Numa segunda produção textual, que está na íntegra, percebemos que o aluno constrói o texto sem nenhuma anáfora pronominal pessoal do caso reto e as retomadas foram realizadas com marca zero, conforme dito anteriormente.

(11)

Era uma vez um rapaz chamado Ronaldo que estava a pé querendo ir para Sobral, e nesse caminho *ele* encontrou uma moça chamada *Amy*, Ø ficaram amigos e Ø continuar(am), a viagem. (PIAMS01).

(12)

Era uma vez um caçador que gostava muito de matar animais e tirar suas peles para vender para o senhor Mauricio, um fazendeiro pobre de rico, mais em uma noite escura uma coisa estranha aconteceu, *o caçador* saiu com sua espingarda e sua garrafa d'água quando Ø saiu do seu barraco *o padre* estava em sua porta e Ø pergunto:

--- Posso saber onde vai meu filho.

--- Vou para a floresta padre o senhor Mauricio que cora de jacare. Responde o caçador.

--- Não vá meu filho o curupira estar a soute...

--- Oxe padre eu sou homem feito o curupira não vai ter corage de mexer com migo ate padre.

E assim Ø seguiu em seu cavalo a floresta, assim quando Ø chegou logo Ø vio o jacaré e quando Ø preparava a espigada, uma pessoa vermelha e com olhos fundos e fala:

--- Vá embora e não voute mais... va!

E assim o caçador foi embora assustada... e niguem. Niguem vai mais nessa floresta se chama (O curupira). (PIMSH13).

Quanto a isso, identificamos na produção doze (12) a anáfora pronominal demonstrativa “NESSA floresta”⁷, retomando o termo ‘floresta’, que aparece no diálogo entre o caçador e o padre, conforme podemos observar neste fragmento: “e niguem. Niguem vai mais *nessa* floresta se chama (O curupira)” (PIMSH13). As marcas que são observadas no excerto analisado, em função da retomada do referente pela expressão “NESSA floresta”, confirmam o “poder” de reclassificação que Adam (2008) atribui à anáfora pronominal demonstrativa.

De acordo com nossas observações, os alunos, ao produzirem seus textos, utilizam-se mais da anáfora fiel, que auxilia na retomada de termos do texto. Houve a incidência em nove (9) produções textuais de anáforas desse tipo, conforme observamos no excerto retirado da produção analisada anteriormente.

Além do já exposto, há outros tipos de anáforas pronominais que se apresentam sob a forma de pronomes pessoais do caso oblíquo ou pronome relativo. A incidência dos pronomes oblíquos foi observada em seis (6) produções textuais. Em uma das produções, o pronome tem valor de oblíquo, mas pertence ao caso reto; naturalmente, a inversão aconteceu porque na fala é comum o uso do pronome reto pelo oblíquo, principalmente na faixa etária em que os informantes (alunos) se encontram. O que interessa para análise é o contexto de uso; logo, trata-se de anáfora com pronome oblíquo.

O uso de pronome relativo construindo orações adjetivas restritivas ocorreu em quinze (15) produções textuais com o pronome “que”. Isso confirma e é reforçado, também, pelo uso da oralidade. Em geral, construímos frases com o pronome “que”, muito raramente com “qual”, e “cujo” é impraticável nessa faixa etária. Os dados apenas confirmaram nossas suposições sobre isso. Observemos alguns excertos que ilustram os usos por retomadas pronominais.

(13)

[...] e o pai que pegou o humano Marcos e levou *ele* para casa. (PIMSS16).

(14)

Quando o lobisomem ouviu isso *o* atacou. (PIMSS16).

(15)

Quando o lobisomem ouviu isso *o* atacou e o pai *que* se chamava José correu. (PIMSS16).

⁷ Não consideramos nesta pesquisa os valores dêiticos.

A construção do texto com essas marcas linguísticas será analisada, mais detidamente, nas produções textuais finais. Observamos na primeira parte da pesquisa, com base na amostra das produções textuais, que os alunos fazem uso das categorias de uma forma intuitiva, pois elas pertencem à estrutura do texto narrativo, que faz parte de seu conhecimento de mundo. Como aplicamos uma metodologia voltada para o processo ensino-aprendizagem que se desenvolveu em sala de aula durante um período, mostraremos como o conhecimento das categorias auxilia na construção do sentido e na estrutura textual dos gêneros narrativos.

5.2 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES FINAIS (PF) – ORGANIZADORES TEMPORAIS

Tomamos como parâmetro para a análise a mesma classificação dos elementos da categoria em questão, como procedemos nas produções iniciais. Verificamos que as produções apresentam um número considerável de locuções adverbiais que exprimem a referência temporal absoluta vaga, de acordo com Adam, ou a fórmula convencional, segundo Bronckart.

Em termos numéricos, observamos a incidência no uso dos organizadores temporais em dez (10) produções textuais com locuções adverbiais temporais; dentre essas dez, identificamos algumas bem corriqueiras/usuais nas produções infantis que se assemelham às escritas em contos de fadas, conforme expomos no subitem das produções textuais iniciais. A primeira locução adverbial identificada foi “Era uma vez...” com incidência em cinco (5) produções (PFBGA02, PFDRH03, PFMAT06, PFMSH13, PFSBA18), a segunda “(Era) um dia...” também em cinco (5) produções (PFHMS07, PFJLN08, PFMVL14, PFMSS16, PFVHFO21), as demais aparecem em número reduzido, como podemos observar na locução adverbial “Em um certo dia...” presente em uma (1) produção, “Para sempre...” finalizando o texto em apenas uma (1) produção, “Nunca” presente em duas (2) e “Alguns anos...” em apenas uma (1) produção.

Alguns organizadores foram usados no início do texto, nas produções, outros apareciam no desenvolvimento do texto, geralmente nos primeiros parágrafos. Por essa razão, no levantamento dos dados, observamos a incidência de cada locução no total de produções textuais finais. Verificamos, contudo, que a ocorrência nas produções finais foi menor que nas primeiras produções. Atribuímos essa redução ao fato de que o texto do gênero trabalhado em sala de aula apresentava termos mais específicos que se diferenciavam dessas fórmulas convencionais. As atividades sobre os organizadores temporais permitiam o reconhecimento desses elementos, mas muitos alunos continuaram a utilizar-se das fórmulas convencionais.

A respeito da referência temporal absoluta histórica, identificamos a presença de termos com essa classificação que não apareceu em nenhuma das primeiras produções. Três (3) produções textuais (PFAMS01, PFKFA10, PFLMR11) atualizaram essa referência com as seguintes locuções adverbiais “Era um belo dia de junho”, “Dois dias”, “No dia de Santo Antônio”, “No dia da festa” e “Era dia 13 de junho festa junina”.

As funções seguintes referem-se à referência temporal relativa no cotexto e balizamento. Verificamos em oito (8) produções (PFAMS01, PFMATO06, PFJLN08, PFLMR11, PFSBA18, PFTAP19, PFTFU20, PFVHFO21) as duas funções e em duas (2) (PFAMS01, PFVHFO21) somente a primeira função. Alguns dos termos mais recorrentes nessas produções são as locuções adverbiais, principalmente nas produções que apresentam somente uma função. Identificamos também que, na referência temporal relativa no contexto e balizamento, não houve ocorrência dessa função nas produções textuais analisadas. Observemos excertos que demonstram a dupla função (16) e outro com somente uma função (17).

(16)

A festa junina é importante para algumas pessoas que gostam de dançar e etc, mais para algumas não é. Como o que aconteceu as meninas estavam ensaiando para a festa, mais so que uma menina não tinha pá. Então ela foi perguntar o menino se ele queria dançar, mais só que ele disse que tinha vergonha.

Quando chegou o outro dia ela foi tentar dinovo com o mesmo menino, dessa vez ela convenceu o menino a dançar com ela (PFTAP19).

(17)

[...] esse cimitério era abandonado não era visitado por parentes, pois cada noite que o parente ia visitar, morria *no dia seguinte*. (PFVHFO21).

A classificação apresenta a referência temporal relativa no cotexto e encaixamento com incidência em quatorze (14) produções textuais, dentre elas, treze (13) ocorrências com a conjunção “quando” e uma (1) oração com valor temporal. Verificamos que esses organizadores temporais aparecem em igual quantidade nas duas etapas das produções textuais. Esses termos contribuem para a progressão temporal da narrativa nos textos conforme o gênero do narrar. Quanto à referência temporal relativa no contexto e encaixamento, identificamos apenas uma (1) produção textual (PFMSH13) com o termo “até hoje”. Ademais, consideramos em nossa classificação a oração adverbial reduzida, em virtude de estar subentendida a conjunção temporal, mas também em se constituir numa construção mais complexa para um aluno de 6º ano. Vejamos como se apresentou no texto essa construção temporal seguida de uma conjunção “e”, mas com caráter enfático:

(18)

E *chegando a cozinha* disse isso tudo que aconteceu para a mamãe dele a Dona Coruja. (PFMMS12).

Compreendemos que os organizadores temporais constituem-se em termos tão importantes quanto os tempos verbais nas produções dos alunos, que já fazem uso dos termos, em seus textos, ainda que de forma intuitiva, como no caso das conjunções. Ademais, observamos que, na grande maioria dos textos, a ocorrência da conjunção “quando” atualizou-se de forma adequada; os alunos estabeleceram uma relação de sentido e de encaixamento e/ou balizamento.

No entanto, essas marcas linguísticas precisam ser mais exploradas em sala de aula para que sejam compreendidas dentro do texto como uma complementação do tempo verbal. Apesar de não estarmos estudando outros gêneros textuais, consideramos que alguns dos organizadores temporais estão mais adequados para o gênero do narrar, conforme pudemos verificar no trabalho com o gênero desenvolvido pelos alunos na pesquisa.

5.3 PRONOMES

A última categoria a ser analisada refere-se aos pronomes pessoais, demonstrativos e relativos na função de anafóricos. Ademais, verificamos a marca zero presente em algumas das produções textuais analisadas, o que constitui para nós um dado muito relevante, visto que constatamos que o aluno já apresenta a compreensão dessa marca linguística, e avança na construção dos sentidos da produção textual. Identificamos anáforas em pronomes pessoais do caso reto com variações entre “ele”, “ela”, com ou sem auxílio da preposição [“dela”, “dele”] em dezesseis textos. Essas expressões anafóricas foram as mais usadas pelos alunos, o que nos leva a ponderar que se constituem nas formas mais simples de retomada de termos na construção do texto. Entretanto, observamos uso mais discreto nas PF, o que pode representar menos repetições desnecessárias.

Observamos ainda, em quinze (15) produções, o uso do pronome pessoal e da marca zero, que contribui para a não repetição de um mesmo pronome, já que a desinência do verbo marca a posição [da retomada] do referente. As construções realizadas pelos alunos foram relevantes para nossa pesquisa, porque demonstraram a evolução da produção textual, constatada pelo desaparecimento das marcas pronominais desnecessárias nas produções finais. Em lugar delas, eles usaram a marca zero. Vejamos como se apresentaram na construção do texto através de excerto:

(19)

[...] e ela ficou muito feliz. Assim que Ø chegou dá escola Ø foi logo chama seu primo.
(PFMATO06).

Além desse excerto, identificamos uma (1) produção (PFVHFO21) cuja construção apresentou marca zero, porém sem a presença de pronome pessoal do caso reto com função anafórica. A construção demonstra certa maturidade linguística do produtor, que evitou a repetição de pronomes ao se utilizar desse recurso. Conforme Bronckart (2007, p. 270), a respeito da marca zero, “podemos considerar como produto de uma transformação de apagamento de um pronome”. Isso não significa dizer que o uso do pronome não seja importante, todavia, o apagamento pode exprimir evolução [progresso] na construção do texto do aluno de 6º ano, principalmente quando comparada à primeira produção. Vejamos a seguir o texto que não apresentou nenhum pronome pessoal:

(20) NOITE DE LUA CHEIA

Num dia bem animado, estava avendo uma festa Junina, várias pessoas dançando, pulando, brincando e etc. Três crianças Gabriel de 11 anos, Leticia de 9 anos e Manu de 10. A festa estava se passando perto do cemitério, pois era o salão mais proximo.

Crianças muito curiosas, queriam observar esse lugar, esse cimitério era abandonado não Ø era visitado por parentes, pois cada noite que o parente ia visitar, Ø morria no dia seguinte, por isso que os parentes e os corveiros pararam de ir lá.

Os três foram entrando devagarinho, porém Ø estavam com medo mas curiosos, Gabriel foi na frente pois Ø é o maior e o único homem entre as duas, depois foi Manu, Leticia estava um pouco de medo, então Ø ficou lá fora esperando.

Gabriel tinha visto, uma sombra de um olho todo amarelo atrás de um túmulo, o alívio dele foi que os olhos era de um gato, mas depois que Manu viu que era um gato preto. Depois de uns minutos Gabriel foi puxado para dentro de um túmulo. Assustada Leticia correu para o cimitério.

Ø Chamaram a perícia para ratrear o corpo do menino. Depois de umas horas era o corveiro. Ø Passou preso por alguns anos.

E as crianças passaram a não acreditar em superstições. (PFVHFO21).

Em construção semelhante, mas que apresentou o pronome pessoal do caso oblíquo, verificamos a presença de cinco (5) produções textuais (PFAS01, PFMATO06, PFLMR11, PFMSH13, PFSBA18) marcadas pelos pronomes “lhe”, “o”, “com ela” e “ela”, com função de oblíquo, ainda que gramaticalmente esteja inadequado, porque o pronome reto apresenta como função substituir sujeitos da oração. É comum em construções orais a troca das funções, em que o pronome pessoal reto substitui termos com função de objeto. Levamos em consideração o último por compreendermos que houve a substituição do termo por pronome pessoal ainda que não seja, conforme já dito, o mais adequado para a situação. A tentativa de substituição indica que o aluno percebe que existem termos na língua que retomam outros termos.

Algumas produções apresentaram uma incidência considerável de pronomes relativos em construções de orações complexas. Isso ocorreu em doze (12) produções textuais sempre com o pronome relativo “que”. Essas produções apresentaram-se sob a forma de orações subordinadas adjetivas restritivas e substituíam termos com funções de objeto e adjunto adverbial, sempre retomando termos anafóricos. Consideramos essas orações com pronomes relativos, principalmente o pronome “que”, porque os alunos já as utilizam nas construções orais. Outros pronomes como “[o]qual” e “cujos”, seguidos de variações, são mais complexos e exigem um amadurecimento linguístico por parte dos usuários, no caso, dos alunos. Observemos uma dessas produções:

(21)

O conto popular *que* eu vou contar é do Saci ele é muito popular em festa junina. (PFMVL14).

Ademais, identificamos os pronomes demonstrativos, que são termos que conferem ao texto a função de retomada, ocorrendo em seis (06) produções textuais (PFAMS01, PFKFA, PFMVL14, PFMSS16, PFPBTCF17, PFVHFO21) com os pronomes “naquela” e “esse” com suas variações. Verificamos, ainda, um termo com dupla função na produção que pode ser classificado como retomada anafórica ou, conforme o subitem anterior, referência temporal relativa no cotexto.

Vejamos o excerto a seguir:

(22)

Uma senhora e uma garotinha que se chamavam Joséfina e GreyciKellen pediram a pedra uma casa, roupa, e alimentos, *nesse mesmo momento* a pessoa (Joséfina e GreyciKellen) apareceram vestidos em uma casa e com vários alimento. (PFAMS01).

Compreendemos esse excerto como uma retomada da situação colocada no texto acerca da “pedra”, que funciona como elemento temporal. Por essa razão, classificamos como dupla função o termo “nesse mesmo momento”.

Já as alterações percebidas em nossa análise, quanto ao aspecto quantitativo da produção inicial para a produção final, decorrem da escrita de produções que fugiram do gênero desenvolvido/proposto na pesquisa. Acreditamos que esse desvio de gênero alterou alguns dados; em virtude da construção, sofreu modificações de variação verbal, organizadores temporais e pronomes.

Nas tabelas 1 e 2, podemos verificar as principais incidências nas PI e nas PF, referentes às duas categorias analisadas – organizadores temporais e pronomes –, que foram explicitadas no decorrer da análise.

Tabela 1 – Organizadores temporais

Itens	PI	PF
Referência temporal absoluta/fórmula convencional	21	28
Referência temporal relativa de cotexto/balizamento	19	10
Referência temporal relativa de contexto/balizamento	2	-
Referência temporal relativa de cotexto/encaixamento	14	14
Referência temporal relativa de contexto/encaixamento	4	1

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 2 – Anáforas pronominais

Itens	P	PF
Pronome Pessoal do Caso Reto	17	15
Pronome Pessoal do Caso Oblíquo	6	5
Pronome Relativo	15	2
Pronome Demonstrativo	9	6
Marca Zero	4	15

Fonte: Dados da pesquisa

As tabelas demonstram o resultado que já evidenciamos por ocasião da análise e que reforçaremos na conclusão. Ou seja, o uso aparentemente mais elevado das categorias pertencentes aos organizadores temporais e anáforas pronominais, por parte dos alunos, na PI, ocorreu de forma “intuitiva”, influenciado pelo conteúdo prévio com um texto tipicamente narrativo na oficina inicial de reconhecimento do gênero a ser

aprendido. Ao contrário das PF, em que os alunos, que não tiveram contato prévio com texto narrativo, apresentaram domínio das estruturas, o que resultou em produções mais “enxutas”, consistentes e coerentes com o gênero produzido – conto popular.

Acreditamos, entretanto, que, para se obterem melhores resultados, faz-se necessário um período maior de tempo para que o gênero seja compreendido pelo aluno. Somente dessa forma ele se apropriará integralmente dos conhecimentos necessários para produzirem textos com eficiência e eficácia. Isso implica dizer que a metodologia utilizada auxilia o aluno na construção de produções textuais com avanços consideráveis e que as categorias contribuem para a compreensão das formas linguísticas presentes em determinados gêneros.

6 À GUIA DE CONCLUSÃO

Na categoria *organizadores temporais*, a análise deteve-se na referência temporal absoluta (histórica/ vaga) e na fórmula convencional, referências relativas de cotexto e contexto, balizamento e encaixamento. Na categoria *pronomes*, identificamos a incidência de anáforas com pronomes pessoais, relativos e demonstrativos, além da marca zero detectada em algumas das produções textuais. Sabemos que essas categorias estão ligadas, intrinsecamente, ao texto narrativo; nosso interesse, no entanto, consistiu em demonstrar como um aluno de 6º ano utiliza-se delas e como elas contribuem para a construção do texto, procedimento que responde à questão-problema de nossa pesquisa: A utilização de categorias pertinentes à sequência narrativa contribuirá para a estruturação do texto de alunos de 6º ano? Elas compõem a infraestrutura que é o “alicerce” para a construção do plano de texto.

Verificamos, no período da oficina, que os alunos, na PI, utilizaram essas categorias intuitivamente, sem compreenderem o valor semântico que elas, inseridas num texto, podem apresentar. Ao produzirem a PF, houve variações no uso da sequência textual em função da escolha do gênero, que acarretou alterações significativas na infraestrutura de organização linguística. Entretanto, os resultados da PF demonstraram que o aluno internalizou, no decorrer das oficinas, conhecimentos sobre advérbios, conjunções temporais e pronomes, que possibilitaram uma construção textual mais consistente e coerente com o gênero proposto. A categoria organizadores temporais é imprescindível, porque auxilia, no texto, o uso de tempos verbais do pretérito perfeito e imperfeito nas narrativas.

A segunda categoria de análise, pronomes, apresentou, além da lexicalização das formas, o recurso da marca zero, que constitui um avanço com referência à repetição desnecessária do pronome anafórico. A partir desses resultados, podemos concluir que essas duas categorias e a metodologia das sequências didáticas contribuem para o processo de ensino e de aprendizagem, no sentido de que há apropriação do gênero e de recursos da língua na construção desse gênero por parte do aluno. Assim, o professor pode fazer intervenções mais consistentes e perceber avanços significativos nas produções textuais de seus alunos.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J-M; REVAZ, F. *A análise da narrativa*. Tradução Maria Adelaide Coelho da Silva, Maria de Fátima Aguiar. Lisboa: Gradiva, 1997.
- ADAM, J-M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In : BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.J. (Eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institut de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, SP : Pontes, 2006. P. 68-80.
- BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Tradução Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2007.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, 1983. p. 31-46. (Série Debates 1).
- _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 99-119.
- PINTO, R. Temporalidade discursiva e coesão temporal à luz do interacionismo sociodiscursivo. *Calidoscópio*, v. 2, n. 2, p. 41- 48, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_calidoscopiov>. Acesso em: 15 jul. 2009.
- SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução Roxane Rojo, Gláias Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- WEINRICH, H. Mundo comentado e mundo narrado. In: _____. *Estructura y función de los tiempos en lenguaje*. Madrid: Gredos, 1968. p. 61-94.

Recebido em: 09/03/13. Aprovado em: 18/12/13.

Title: *Temporal discourse markers and pronouns in the construction of narrative texts*

Authors: *Maria Margarete Fernandes de Sousa; Flávia Cristina Candido de Oliveira*

Abstract: *The objective of this article is to analyze textual productions of sixth grade students from a Brazilian elementary school, verifying how they apply the categories of temporal discourse markers – adverbs and subordinating conjunctions – and of pronouns in the folk tale. The theories of Adam (2008) and Bronckart (2007) are the basis of this study, in which the latter complements the first one. The methodology used in the study is based on Schnewly's and Dolz's proposal (2004). We could conclude with this research that the two categories and the guidance given by the teacher for the texts production in the classroom collaborate for the narrative text construction.*

Keywords: *School narrative. Temporal discourse markers. Pronouns.*

Título: *Organizadores temporales y pronombres en la construcción del texto narrativo*

Autores: *Maria Margarete Fernandes de Sousa; Flávia Cristina Candido de Oliveira*

Resumen: *Ese artículo tiene como objetivo analizar producciones textuales de alumnos del 6º año de la Educación Básica, verificando como son utilizadas por ellos las categorías de los organizadores temporales – adverbios y conjunciones subordinantes – y de los pronombres en el género cuento popular. Como teorías de base son tomadas aquellas propuestas por Adam (2008) y por Bronckart (2007) – este último tiene, en la investigación, el carácter complementario para el primero autor –, y como metodología fue utilizada la propuesta de Schnewly y Dolz (2004). Fue posible concluir con la investigación que las dos categorías y la orientación dada por el profesor para la producción de textos en clase auxilian en la construcción del texto narrativo.*

Palabras-Clave: *Prosa narrativa en la escuela. Organizadores temporales. Pronombres.*